

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar, na perspectiva nietzschiana, alguns aspectos da teoria da *décadence*, limitando-se ao seu embate com a filosofia metafísica socrático-platônica, relacionando-os com a possibilidade de “diagnosticar” um processo de degeneração fisiopsicológico no indivíduo e na cultura ocidental. Para realizar tal empreitada, nos detemos na terceira fase do filósofo e nos escritos do último ano de produção de Nietzsche. Com efeito, no período o autor faz uma investigação minuciosa de Sócrates, no *Crepúsculo dos Ídolos*, de 1888. Diante disso, no primeiro momento, a fim de introduzirmo-nos no procedimento genealógico-fisiológico por meio do qual o filósofo investiga o conceito de *décadence*, destacamos alguns aspectos específicos do contexto histórico do conceito em questão que surgiu a partir do movimento literário francês da segunda metade do século XIX. Em seguida, a análise e os efeitos causados pela filosofia socrático/platônica ilustrados por Nietzsche, forneceram a matéria prima para comparar uma filosofia que expressa um estado de *décadence* e uma filosofia que se revela como uma manifestação da vontade de poder para o indivíduo e para cultura. Logo após, a investigação percorre o caminho da *décadence* fisiopsicológica que se manifesta em filosofias como a de Sócrates e Platão, apontando sua interpretação para a configuração fisiopsicológica da *décadence* de Sócrates (anarquia dos instintos), a fim de demonstrar que este conceito foi comum aos filósofos que interpretaram equivocadamente a vida, desvalorizando-a. Por fim, concluiremos enfatizando os males que essa relação causa tanto no indivíduo quanto na cultura e o que tais indivíduos e culturas têm em comum, ou seja, o nihilismo e o ideal ascético, sintomas da *décadence* fisiológica/psicológica que causam a desagregação dos instintos. Portanto, a filosofia socrático-platônica é uma das máscaras para ocultar a “náusea” que a civilização ocidental sofre a séculos, sinalizando para o mal que causou tanto no indivíduo quanto na cultura. Dessa forma, ambos (indivíduo e cultura) foram fios condutores de uma análise que fornece elementos para empreender um “diagnóstico” da história da civilização europeia que, para Nietzsche, é um movimento de *décadence*.

Palavras-chave: *Décadence*. Filosofia. Cultura.

The malaise of Western philosophy from Nietzsche's perspective

ABSTRACT

The present work aims to present, from a Nietzschean perspective, some aspects of the theory of *decadence*, limiting itself to its clash with the Socratic-Platonic metaphysical philosophy, relating them to the possibility of “diagnosing” a process of physio-psychological degeneration in the individual, and in Western culture. To carry out this endeavor, we focus on the philosopher's third phase and on the writings of Nietzsche's last year of production. In fact, during the period the author carries out a thorough investigation of Socrates, in *Twilight of the Idols*, from 1888. In view of this, at first, in order to introduce ourselves to the genealogical-physiological procedure through which the philosopher investigates the concept of *decadence*, we highlight some specific aspects of the historical context of the concept in question that emerged from the French literary movement of the second half of the 19th century. Then, the analysis and effects caused by the Socratic/Platonic philosophy illustrated by Nietzsche, provided the raw material to compare a philosophy that expresses a state of *decadence* and a philosophy that reveals itself as a manifestation of the will to power for the individual and for culture. Soon after, the investigation follows the path of physiopsychological *decadence* that manifests itself in philosophies such as that of Socrates and Plato, pointing its interpretation to the physiopsychological configuration of Socrates' *decadence* (anarchy of instincts), in order to demonstrate that this concept was common to philosophers who misinterpreted life, devaluing it. Finally, we will conclude by emphasizing the evils that this relationship causes both in the individual and in the culture and what such individuals and cultures have in common, that is, nihilism and the ascetic ideal, symptoms of physiological-psychological *decadence* that cause the disintegration of instincts. Therefore, Socratic-Platonic philosophy is one of the masks to hide the “nausea” that Western civilization has suffered for centuries, signaling the harm it has caused both to the individual and to culture. In this way, both (individual and culture) were guiding threads of an analysis that provides elements to undertake a “diagnosis” of the history of European civilization which, for Nietzsche, is a movement of *decadence*.

Keywords: *Decadence*. Philosophy. Culture.

Introdução

As produções humanas são interpretadas por Nietzsche, mas é importante destacar que o filósofo alemão não faz nenhum juízo de valor sobre tais produções, isto é, não discute se elas são más ou boas, mas as considera “sintomas da dinâmica de impulsos do organismo que as produz: saudável, se afirmar a vida, ou mórbida, se a nega” (FREZZATTI JR., 2008, p. 303). Já a morfologia, no entender de Nietzsche, irá analisar o grau, o nível dos impulsos decorrentes da luta dos homens por mais poder.

Assim, a teoria do desenvolvimento facilitará o entendimento sobre a atividade variada da quantidade de poder e do desenvolvimento contínuo de graus e de hierarquias dos impulsos. Isso significa que as produções humanas podem ser consideradas criações de organismos bem hierarquizados, saudáveis e com impulsos potentes ou, antagonicamente, podem ser produtos de organismos desorganizados, anárquicos, com impulsos enfraquecidos e, conseqüentemente, doentes e *décadents*. Foi seguindo por esse caminho que Nietzsche analisou a filosofia de Sócrates, que é a base da filosofia ocidental.

Partindo do mesmo princípio, Sócrates será o seu alvo, porque sua filosofia metafísica manifesta sintomas de declínio dos instintos de *décadence*. Dessa forma, a filosofia socrática rejeita o corpo e o mundo e, para Nietzsche, esse tipo de filosofia é nociva para a saúde do indivíduo, porquanto nega-lhe a vida; ao contrário, o autor considera que uma filosofia saudável é afirmadora da vida. Sendo assim, se afirma a existência de uma relação íntima entre as produções humanas e a vida.

Em 1888, em uma cidade suíça chamada Sils Maria, Nietzsche escreve *Crepúsculo dos Ídolos* (1888). Logo no prefácio, Nietzsche apresenta o livro como uma forma de escapar da ociosidade: “a ociosidade é o pai de toda psicologia” (NIETZSCHE, 2014, p. 9). Refiro-me a esta passagem a título de curiosidade, pois antes de conceber o título original, Nietzsche havia pensado em intitular o livro como *Ociosidade de um psicólogo*. Como esse ócio é praticado por meio da luta, o filósofo alemão sabe da imensa responsabilidade e da homérica tarefa que será crepuscular os grandes sábios. Considera-se, portanto, em *Crepúsculo dos Ídolos*, que o intuito de Nietzsche é empreender o procedimento de inversão de perspectiva.

Ora, essa é a tarefa de um psicólogo: analisar e diagnosticar os velhos e os novos ídolos por meio de questionamentos e de observações que revelam os seus sintomas. Esse procedimento só será possível através da guerra, porém, sendo ela acompanhada de uma jovial serenidade e prudência. Com efeito, “a guerra sempre foi a grande prudência de todo espírito que se tornou demasiado interior, demasiado profundo; até mesmo na ferida ainda se encontra a força curativa” (NIETZSCHE, 2014, p. 7).

Portanto, a análise que será feita sobre Sócrates no presente texto terá como chave de argumentação a noção da vontade de poder, pois este conceito é o núcleo da fisiopsicologia nietzschiana. Seguindo o conceito de vontade de poder no entendimento da fisiopsicologia de Nietzsche como teoria do desenvolvimento e morfologia, a metafísica socrática será superada através de questionamentos que irão se opor às virtudes estabelecidas e à moral determinada. Essas perguntas se desenvolvem como um teste e, ao mesmo tempo, se apresentam como um peso para aqueles que negam a vida.

A vontade de poder e a metafísica socrática

Procurando, escavando e observando com atenção os sintomas comuns aos grandes sábios da humanidade, Nietzsche viu em Sócrates, como também em outros, que eles não eram tão sábios como se pensava. No capítulo anterior ao “Problema de Sócrates”, em uma máxima intitulada “Fala o desiludido”, Nietzsche exprime: “Procurei pelos grandes seres humanos, e sempre encontrei apenas *macacos* do ideal” (NIETZSCHE, 2014, p. 14). Assim, a partir da análise de como esses homens interpretavam a vida, o filósofo alemão observa que tais grandes sábios tiveram a mesma compreensão com relação a ela: negavam-na.

Da parte de um filósofo, ver no *valor* da vida um problema permanece, dessa forma, até mesmo uma objeção contra ele, um ponto de interrogação em sua sabedoria, uma não sabedoria. – Como? E todos esses grandes sábios – não teriam sido apenas *décadents*, não teriam sido nem sequer sábios? (NIETZSCHE, 2014, p. 18).

Com esse tipo de interpretação, tais homens se encontravam adoecidos e *décadents*. Negar a vida é sintoma de declínio, de despontualização dos instintos e,

automaticamente, a anulação de uma hierarquização dos impulsos. Isso gera um cansaço orgânico que se manifesta na negação da existência. Sendo assim, as palavras de Sócrates narradas por Nietzsche nesta passagem do *Crepúsculo do Ídolos* são o signo do ascetismo¹ da sua filosofia:

Em todas as épocas, os mais sábios julgaram da mesma maneira a vida: *ela não vale nada...* Sempre e em toda parte se ouviu o mesmo tom de sua boca, - um pleno de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de oposição contra a vida. Mesmo Sócrates disse quando morreu: “viver – isso significa estar doente por muito tempo: devo um galo a Asclépio” (NIETZSCHE, 2014, p. 17).

Na Grécia Antiga, os enfermos dormiam nos templos dedicados ao deus da mitologia grega, Asclépio. Considerado uma divindade com poderes curativos, ele era o deus da medicina e da cura. Assim, na época de Sócrates, era comum que quando o paciente obtivesse a cura de uma dada moléstia, ficasse devendo um galo para Asclépio como oferenda e pagamento pelo benefício recebido. Desse modo, pode-se compreender que, no fim da vida, o filósofo ateniense estava recebendo o benefício dado por Asclépio, isto é, estava sendo curado de uma enfermidade, que era a própria vida².

A filosofia apresentada no *Fédon* de Platão reforça a concepção socrática sobre a existência. A filosofia de Sócrates, assim como a de Platão, concebe o corpo como a prisão da alma. Dessa forma, o corpo se torna um peso, impedindo-a de encontrar a verdade, o que levava Sócrates a rejeitá-lo e a superestimá-la, já que somente a alma poderia encontrar o conhecimento verdadeiro.

No entanto, para Nietzsche, o problema não estava somente em Sócrates, já que outros filósofos também negavam a vida. Existia, assim, o *consenso dos sábios*:

¹ “No entender de Nietzsche, o ascetismo pode ser manifestar em determinadas filosofias como a de Sócrates e na de Platão. De maneira geral, essas ‘tradições ascéticas’ se caracterizam por assumirem um pressuposto dualista, segundo o qual o homem seria um composto de duas partes, a saber, um elemento de natureza corpórea e outro de natureza espiritual. O elemento espiritual, geralmente entendido como uma substância imortal, seria o verdadeiro princípio que definiria o homem enquanto tal e, por isso, deveria ser mais valorizado e cuidado do que o corpo” (MELO NETO *in* MARTON, 2016, p. 125).

² “Nietzsche refere-se ao último instante de Sócrates conforme consta no diálogo *Fédon*: ‘Sócrates já se tinha tornado rijo e frio em quase toda a região do ventre, quando descobriu sua face, que havia velado, e disse estas palavras, as derradeiras que pronunciou. Críton, devemos um galo a Asclépio; não te esqueças de pagar essa dívida’” (PLATÃO 118a *apud* FREZZATTI, 2008, p. 311).

O próprio Sócrates estava fatigado. – O que isso prova? Sobre o que isso significa? Sobre o que isso indica? Outrora se teria dito (- oh, isso se disse e suficiente alto com nossos pessimistas à frente!): “Em todo caso, tem de existir algo de verdadeiro aqui! O *consensus sapientium* [consenso dos sábios] prova a verdade”. Faríamos assim ainda hoje? *Seria-nos lícito* falar isso? “Em todo caso, tem que existir algo de doente aqui” – responderíamos nós: seria preciso antes examinar bem de perto esses mais sábios de todas as épocas! Talvez todos eles já não estivessem se sustentando sobre as pernas? Seriam tardios? Cambaleantes? *Decadentes*? Talvez a sabedoria apareça sobre a terra como um corvo entusiasmado? (NIETZSCHE, 2014, p. 17).

Sócrates estava cansado da vida. Esse cansaço era reflexo de impulsos desordenados e *decadentes*, incapazes de sustentar e admitir a vida e o mundo como eles são na realidade. O consenso dos sábios demonstra que não era somente Sócrates que estava esgotado da existência, pois todos os outros *décadents* também estavam. O seu conhecimento em si, para Nietzsche, é doentio e mórbido.

Esse jeito irreverente de pensar, que os grandes sábios são *tipos-décadents*, ocorreu-me primeiramente em um caso em que o preconceito dos eruditos e ignorantes se opõe a ele de maneira ainda mais forte: reconheci Sócrates e Platão como sintomas de declínio, como instrumentos da dissolução grega, como pseudogregos (*sic*), como antigregos (*sic*) (*Nascimento da tragédia*, 1872). Aquele *consensus sapientium* – isso eu compreendi cada vez melhor – o que menos prova é que eles tinham razão sobre aquilo que concordavam: prova muito mais que eles próprios, esses mais sábios, de alguma maneira concordavam em algo fisiologicamente entre si, para da mesma maneira se colocar – ter de colocar-se negativamente diante da vida (NIETZSCHE, 2014, p. 17-18).

Desse modo, uma das idiosincrasias desses grandes sábios é a ausência de sentido histórico³, pois eles mumificam os conceitos por meio da razão, impedindo o fluxo constante da vida. Com isso, a transitoriedade, o devir e os sentidos são negados. Então, para Nietzsche, a razão faz um controle sobre as coisas, mantendo-as fixas e eternas. “A ‘razão’ é a causa de que falseamos o testemunho dos sentidos.

³ Nietzsche, “ao pregar o filosofar histórico, pretende ter elementos para trabalhar a noção de sentimentos morais, que, a partir de *Humano, Demasiado Humano* passa a desempenhar função estratégica na sua crítica. Nesse momento da obra, o filósofo aproxima a história da história da natureza, conferindo a ela um novo sentido, mais adequado, aliás, ao emprego que realiza a noção, como, por exemplo, investigar a história dos sentimentos morais. O filósofo acaba assim mesmo por aumentar o alcance do fazer histórico, que não mais se resumirá aos fatos da vida política, mas se estenderia aos sentimentos que conduzem aos acontecimentos de ordem política. Nos seus últimos textos, Nietzsche continua operando com a noção de sentido histórico como um instrumento de combate à dogmatização (*sic*); apresenta, no entanto, já a partir de *A gaia Ciência*, a dupla face dessa noção: virtude e doença. Ele considera agora que o desafio agora é operar com essa noção, sem a desmedida que o excesso de história pode trazer, algo extremamente nocivo, como havia alertado num primeiro momento de seu pensamento, para então contribuir de modo efetivo para o ultrapassamento (*sic*) da modernidade” (SILVA JR. in MARTON, 2016, p. 377-378).

Na medida em que indicam o devir, o fluxo, a transitoriedade, os sentidos não mentem” (NIETZSCHE, 2014, p. 24).

Fazendo isso, os filósofos desprestigiam os sentidos, pois os colocam em uma posição alheia à genuína natureza humana. Eles rejeitam o trajeto histórico e, portanto, a razão torna-se o grande instrumento de guerra contra os sentidos. Sócrates soube muito bem manejar tal instrumento, a razão, como uma arma contra os instintos e com o objetivo da busca desmesurada pela verdade, fazendo com que os conceitos fossem empalhados, mortos. Dessa forma, Nietzsche argumenta que:

Perguntam-me o que em tudo é idiosincrasia nos filósofos? Por exemplo, sua ausência de sentido histórico, seu ódio contra noção mesma de devir, seu egipcismo (*sic*) [*Ägypticismus*]. Eles acreditam render honras a algo, quando de-historicizam (*sic*) [*enthistorisier*] esse mesmo algo, *sub specie aeterni* [sob a perspectiva do eterno], - quando convertem esse algo em múmia. Tudo o que os filósofos há séculos manejeram foram conceitos-múmias; nada de efetivamente vivaz veio de suas mãos. Eles matam, empalham, esses senhores idólatras de conceitos, quando adoram, - tornando-se um perigo mortal para tudo, quando adoram. A morte, a mudança, a velhice, bem como a procriação e o crescimento são objeções para eles, - até mesmo refutações (NIETZSCHE, 2014, p. 22).

As idiosincrasias dos filósofos revelam com mais nitidez o início de uma nova forma de interpretar a existência. Uma chave para esse novo modelo de interpretação da vida é o fato deles dizerem *não aos sentidos*, de depositarem todas as crenças no ente. Esses filósofos, na concepção nietzschiana, acreditam no ente, mas sempre estão em profundo desespero, porque o ente não se revela enquanto tal. Essa situação incômoda fez com que esses filósofos, então, buscassem um vilão responsável pelo ocultamento do ente. Não obtendo satisfatoriamente uma resposta racional que demonstrasse seu apoderamento do ente, eles criam um mal, um motivo para o seu fracasso. Eis o mal, nas palavras de Nietzsche:

Assim, todos eles acreditam, inclusive com desespero, no ente [an`'s Seiende]. Mas na medida em que não se apoderam dele, buscam as razões do porquê se oculta a eles. “Tem de haver uma aparência, um engano no fato de que não percebemos o ente: onde se esconde o enganador?” – “Nós o temos, gritam eles bem-aventurados, é a sensibilidade!” Esses sentidos, *que inclusive são tão imorais em outros aspectos*, enganam-nos a propósito do mundo *verdadeiro*. Moral: desprender-se do engano dos sentidos, do devir, da história, da mentira, - história não é outra coisa que a fé aos sentidos, a todo resto da humanidade: tudo isso é “povo”. Ser filósofo, ser múmia, representar o monótono-teísmo por meio de uma mímica de coveiro! (NIETZSCHE, 2014, p. 22).

Nietzsche destaca o filósofo pré-socrático Heráclito por seguir a contrapelo dos filósofos que se prendem ao ente. “Ponho à parte, com grande respeito, o nome de *Heráclito*. Se o outro povo de filósofos rejeitava o testemunho dos sentidos, pois estes indicavam multiplicidade e mudança, Heráclito rejeitava esse testemunho mesmo” (NIETZSCHE, 2014, p. 24). O filósofo alemão utiliza Heráclito, assim como fez com Wagner e Sócrates, mas por outra ótica, ou seja, por considerar que ele possuía um olhar mais positivo com relação à vida, com o intuito de identificar outro esquema interpretativo de compreensão da existência.

Com sua lente de aumento, voltada agora para o filósofo de Éfeso, Nietzsche faz ver que os sentidos não mentem. “O que *fazemos* a partir do seu testemunho, isso que unicamente introduz a mentira, por exemplo, a mentira da unidade, a mentira da coisidade (*sic*)” (NIETZSCHE, 2014, p. 24). Portanto, a posição diante desse pensamento é que o ser é um abismo sem fundo, uma mentira. “Heráclito terá eternamente razão no fato de que o ser [*Sein*] é uma ficção vazia. O mundo ‘aparente’ é o único que existe: o ‘mundo verdadeiro’ é apenas *mentirosamente acrescentado*” (NIETZSCHE, 2014, p. 24).

Os filósofos interpretavam que todos os objetos possuem unidade e duração. Para Nietzsche, essa forma de interpretação da vida vem do instinto de conhecimento das coisas (*intelligere*). O instinto de conhecimento é, então, o resultado de um longo processo, gerado pelo confronto entre múltiplos impulsos inconscientes, com o objetivo de alcançar um resultado no nível da consciência. Sendo assim, em *A Gaia Ciência*, Nietzsche assinala o que significa conhecer:

No entanto, que é *intelligere*, em última instância, se não a forma na qual justamente aquelas três coisas tornam-se de uma vez sensíveis para nós? Um resultado dos diferentes e contraditórios impulsos de querer zombar, lamentar, maldizer? Antes que seja possível um conhecer, cada um desses impulsos tem de apresentar sua visão unilateral da coisa ou evento; depois vem o combate entre essas unilateralidades, dele surgindo aqui e ali um meio-termo, uma tranquilização (*sic*), uma justificação para os três lados, uma espécie de justificação de contrato que esses três impulsos podem se afirmar na existência e conversar mutuamente a sua razão. A nós nos chega à consciência apenas as últimas senas de conciliação e ajuste de contas desse longo processo, e por isso achamos que *intelligere* é algo conciliatório, justo, bom, essencialmente contrário aos impulsos; enquanto é apenas *uma certa relação dos impulsos entre si* (NIETZSCHE, 2019, p. 33-34).

O instinto de conhecimento predominava nesses grandes sábios, sobretudo em Sócrates, que era o modelo do estado fisiopsicológico dos homens do conhecimento.

Dessa maneira, entende-se que Nietzsche pretende analisar o tipo de Sócrates, e não somente a figura histórica do filósofo ateniense. Sobre isso, cabe ressaltar que o filósofo alemão acreditava que analisar os sintomas do tipo de Sócrates demonstraria que a degeneração dos impulsos promove a superavaliação da racionalidade. Então, o mestre de Platão aponta para um oceano de composições de impulsos a partir dos quais os sintomas de declínio são evidentes. Esses impulsos socráticos criaram a filosofia tradicional ocidental, isto é, a filosofia metafísica.

A importância de dar adeus à velha verdade não significa, na intenção do filósofo alemão, criar ídolos, mas destruir ideias forjadas, mentiras que se manifestam no ser humano sob a forma de medo. “Eu não construo novos ídolos; os velhos que aprendam o que significa ter pés de barro. Derrubar ídolos (minha palavra para ‘ideias’) – isso sim é meu ofício” (NIETZSCHE, 2017, p. 15). Os valores estão de cabeça para baixo, e isso indica o caminho oposto do que Nietzsche entende como o trajeto que vai do *mundo aparente* ao *mundo verdadeiro*. Essa inversão de pensamento, no entender do autor de *Aurora*, será um enorme passo para a cura dos efeitos nocivos que as filosofias socrática e moderna despejaram durante séculos sobre a humanidade. “A realidade foi despojada de seu valor, seu sentido, sua veracidade, na medida em que se *forjou* um mundo ideal...O ‘mundo verdadeiro’ e o ‘mundo aparente’ – leia-se: mundo *forjado* e realidade...” (NIETZSCHE, 2017, p. 15).

As velhas verdades, assim como as ideias modernas, serão examinadas de perto por Nietzsche. Dito de outro modo, os *tipos-décadents* de todas as épocas serão auscultados. Contudo, para destruir velhas verdades e novas ideias, o discípulo de Dionísio terá que sair da *ociosidade* para estabelecer uma *nova guerra*.

Considerações Finais

Por fim, depois do que foi dito a respeito de Sócrates e dos grandes sábios, Nietzsche visa observar mais de perto o filósofo ateniense. Seguindo o mesmo trajeto do autor, cabe realizar uma investigação fisiopsicológica daquele que Nietzsche acredita ser a referência dos grandes sábios. Os sintomas recorrentes dessa análise, isto é, a razão supervalorizada e os instintos considerados daninhos para os indivíduos, fornecerão os elementos necessários para a interpretação nietzschiana da *décadence* fisiopsicológica socrática.

Ao apresentar “O problema de Sócrates”, Nietzsche tem como objetivo auscultar, bem de perto, os preconceitos do sábio grego. Com uma forma irreverente de filosofar, o pensador alemão tem um problema a ser solucionado. Nietzsche não tem o objetivo de atacar o caráter problemático desse grande retórico ateniense, mas quer utilizá-lo enquanto aquele que apresenta um problema. Assim, os fatores essenciais que serão analisados na filosofia de Sócrates e nas suas características serão a superavaliação da razão e a efetivação da dialética em detrimento dos instintos.

A dialética será um instrumento de guerra para os mais fracos. Dessa forma, ao estabelecer o império da razão, Sócrates incorpora uma espécie de desorganização que, naquele momento, dominou a cidade grega de Atenas. Na verdade, a interpretação e crítica de Nietzsche sobre a razão foi fundamentada desde *O Nascimento da Tragédia*⁴, a partir do momento em que Sócrates estreita sua relação com Eurípedes. Nesse momento, a tragédia passa por uma reformulação artística. Portanto, “Sócrates como adversário da arte trágica, se abstinha de frequentar as representações da tragédia e só se incluía no rol dos espectadores quando uma nova peça de Eurípedes era apresentada” (NIETZSCHE, 2007, p. 82).

Na concepção nietzschiana, Sócrates não compreendia a tragédia antiga e, por isso, não a valorizava. Eurípedes, então, foi para ele um aliado para uma nova forma de criação. A partir daí, para uma arte ser considerada bela ela teria que estar inserida na formulação socrática: razão = virtude = felicidade.

Também o divino Platão fala, quase sempre com ironia, da faculdade criadora do poeta, na medida em que ela não é discernimento [*Einsicht*] consciente, e a equipara à aptidão do adivinho e do intérprete de sonhos; posto que o poeta não é capaz de poetar enquanto não ficar inconsciente e nenhuma inteligência não residir mais nele. Eurípedes se encarregou, como também Platão o fizera, de mostrar a contraparte do poeta “irracional”; o seu princípio estético, “tudo deve ser consciente para ser belo”, é, como já disse, o lema

⁴ “As considerações críticas de Nietzsche sobre o conceito de razão atravessam toda a sua obra. Muitas vezes, é possível entender essa crítica num sentido ampliado, estando associada à visão sobre o racionalismo [*Rationalismus*] e a racionalidade [*Vernünftigkeit*]. Os três termos podem ser associados, em *O Nascimento da Tragédia*, na caracterização de Sócrates [...] Nietzsche não cessa de denunciar os dogmas a que a tradição filosófica está presa, sobretudo a confiança cega na razão e nos dogmas a ela associados. Nietzsche denuncia nos filósofos um defeito hereditário, que é o de tomar as coisas como são atualmente e concluir por seu caráter atemporal. Em Crepúsculo dos Ídolos, denominará esse ímpeto de falta de sentido histórico. Os filósofos negam o mundo do vir-a-ser e culpam os sentidos porque mostram a mudança e a transformação, louvando a razão como sua antípoda” (LIMA in MARTON, 2016, p. 352).

paralelo ao princípio socrático: “tudo deve ser consciente para ser bom” (NIETZSCHE, 2007, p. 30).

A razão é apresentada por Nietzsche como um problema central para o desmoronamento da cultura helênica e, por conseguinte, também da cultura ocidental moderna. Em *O Nascimento da Tragédia*, a razão será o núcleo da obra e, ao mesmo tempo, a protagonista de Sócrates para o seu projeto de divisão entre instinto e razão, corpo e alma. Para o filósofo alemão, existe uma data para o processo de *décadence* da sociedade e da filosofia grega. Segundo sua ótica, esse movimento emergiu com Sócrates e com a supervalorização da razão em detrimento dos instintos a partir do século V a.C. Com efeito, Sócrates é o símbolo do culto à ciência e da exaltação do conhecimento.

Comportando-se dessa maneira, o filósofo de Atenas despreza os impulsos estéticos do homem grego, causando males que o levam para um estado de *décadence*. Portanto, a razão, na ótica socrática, deveria corrigir a existência do heleno, mas, na verdade, estava fazendo-o desmoronar. A natureza lógico-racional de Sócrates se desenvolveu com a mesma intensidade que a sabedoria de um poeta. Desse modo, somente a razão teria o poder de salvação, enquanto qualquer outro impulso seria nocivo para a sociedade. Como consequência o impulso racional socrático negou, repudiou de forma exaustiva os impulsos artísticos presentes na tragédia grega.

Todavia, a palavra mais incisiva em favor dessa nova e inaudita estimacão do saber e da inteligência foi proferida por Sócrates, quando verificou que era o único a confessar a si mesmo que *não sabia nada*; enquanto, em suas andanças críticas através de Atenas, conversando com os maiores estadistas, oradores, poetas e artistas, deparava com a presunção do saber. Com espanto reconheceu que todas aquelas celebridades não possuíam uma compreensão certa e segura nem sequer sobre suas profissões e seguiam-nas apenas por instinto. “Apenas por instinto”: por essa expressão tocamos no coração e no ponto central da tendência socrática. Com ela, o socratismo condena tanto a arte quanto a ética vigente; para onde quer que dirija o seu olhar perscrutador, avista ele a falta de compreensão e o poder da ilusão; dessa falta infere a íntima insensatez e a detestabilidade (*sic*) do existente. A partir desse único ponto julgou Sócrates que devia corrigir a existência: ele, só ele, entra com ar de menosprezo e superioridade, como precursor de uma cultura, arte e moral totalmente distintas (NIETZSCHE, 2007, p. 82).

Na verdade, Sócrates tinha como tarefa demolir os instintos para construir o império da razão como forma de promover a cura para os atenienses. Mas, em vez de oferecer tal antídoto, os métodos utilizados nada mais fazem do que alcançar a

décadence. Afinal, dirá Nietzsche, “*ter de combater os instintos – essa é a fórmula da *décadence*” (NIETZSCHE, 2014, p. 22). A necessidade que o socratismo⁵ tem de combater os instintos e de promover juízos de valor sobre a vida se origina, segundo Nietzsche, da classe social a qual Sócrates pertencia e da sua aparência. “De acordo com sua ascendência, Sócrates pertencia ao povo mais baixo: Sócrates era plebe” (NIETZSCHE, 2014, p. 18). Além disso, “sabe-se e inclusive ainda se pode ver quão feio ele era. Mas a feiura, em si mesma uma objeção, entre os gregos é quase uma refutação” (NIETZSCHE, 2014, p. 18).*

Contudo, essas ponderações que Nietzsche faz sobre Sócrates devem ser analisadas, a fim de fornecer um entendimento mais amplo do pensamento nietzschiano sobre os impulsos que ecoavam na época do filósofo grego. Portanto, nas características de Sócrates entoadas por Nietzsche pode-se detectar claramente sintomas de declínio e de ressentimento que o filósofo de Atenas possuía.

Sócrates era de fato um grego? Com bastante frequência, a feiura é expressão de um desenvolvimento cruzado, um desenvolvimento obstruído pelo cruzamento. Em outros casos aparece como desenvolvimento *descendente* [*niedergehende Entwicklund*]. Os antropólogos entre os criminalistas nos dizem que o típico criminoso é feio: *monstrum in fronte*, *monstrum in animo* [monstro de aspecto, monstro de alma]. Mas o criminoso é um *décadent*. Sócrates era um típico criminoso? Isso pelo menos não contesta aquele famoso juízo de um fisionomista, que soou tão escandaloso aos amigos de Sócrates. Um estrangeiro que entendia de rostos disse na cara de Sócrates, numa ocasião em que veio para Atenas, que ele seria um *monstrum*, - que carregava em si todos os vícios e apetites ruins. E Sócrates apenas respondeu: “me conheces, meu senhor” (NIETZSCHE, 2014, p. 18).

Os sintomas detectados em Sócrates, isto é, os estados fisiopsicológicos que se manifestam por meio de seus pensamentos e teorias, revelam um problema de forças mais complexo. No caso específico do ateniense, ele se tornou excessivamente racional. No entanto, isto não ocorreu por uma opção individual, mas por equacionar tendências provenientes de todo helenismo; essas forças representam as

⁵ “O termo socratismo ocorre quase apenas nos textos ligados à *O Nascimento da Tragédia*, embora seu sentimento permaneça, de algum modo, em toda obra nietzschiana. O socratismo é a característica central da cultura socrática ou teoria, na qual predomina o prazer de conhecer e a ilusão de poder curar por eles as dores da existência. Apesar de essa ilusão estimular o homem a viver, ela produz uma busca intensa e sem fim pelo conhecimento, não sendo capaz de dar significado suficiente à existência humana. O socratismo é responsável pela destruição da tragédia clássica, mas não se situa exclusivamente na Grécia antiga, estando ao lado de todo pensamento metafísico e sendo também característica importante da decadência europeia do século XIX” (FREZZATTI JR. in MARTON, 2016, p. 382).

características de um pensamento geral, de uma época determinada. Com efeito, Sócrates absorveu as ideias da cultura grega de sua época, tornando-se um vetor, um incentivador de forças e de impulsos generalizados. Assim, ao falar de forças, de sintomas e de impulsos de um indivíduo (Wagner ou Sócrates, por exemplo), Nietzsche traz à tona manifestações fisiopsicológicas mais amplas da cultura de um povo.

Portanto, um pensador ou mesmo um músico, ao revelar seus impulsos vitais por meio de suas ideias, está também expondo os sintomas de toda uma cultura. Sendo assim, Sócrates com a “superafetação do lógico” (NIETZSCHE, 2014, p. 19), será o portador e o porta-voz de uma nova cultura que está em expansão na Grécia Antiga. Desse modo, o que aconteceu na Atenas socrática foi a superavaliação da razão em detrimento do acabrunhamento e do declínio dos demais impulsos.

Não apenas o desregramento e anarquia declarados dos instintos indicam a *décadence* em Sócrates: aí estão também a superafetação (*sic*) do lógico e aquela *maldade de raquítico* que o distingue. Em tudo Sócrates é exagerado, bufão, caricatura, e, simultaneamente, em tudo é oculto, de segundas intenções, subterrâneo. Procuo compreender de qual idiossincrasia provém aquela equivalência socrática de razão = virtude = felicidade: a mais bizarra equivalência que existe, e que possui contra si, de modo especial, de todos os instintos do heleno antigo (NIETZSCHE, 2014, p. 19).

Observa-se que, ao analisar os impulsos de Sócrates, Nietzsche estava indo muito mais além, pois o filósofo alemão caminhava para diagnosticar o estado de saúde de um povo. Sendo assim, mas sendo sempre relevante lembrar, Nietzsche não ataca pessoas, mas se utiliza delas para que o estado de saúde de uma cultura se revele. Dessa forma, os desejos, as características e os sintomas do povo grego da época de Sócrates vieram à luz.

Para o prejuízo do gosto grego, Sócrates estabelece a dialética, uma poderosa arma que, nas mãos de um *decadente*, se torna uma forma de vingança. Para Nietzsche, Sócrates optou pela dialética como forma específica de vingança contra a aristocracia ateniense. Como exímio manejador dessa poderosa arma contra o intelecto do seu adversário, Sócrates consegue reverter os valores da sociedade de Atenas:

Com Sócrates, o gosto grego se modifica em favor da dialética: O que acontece ali realmente? Acima de tudo, um gosto *aristocrático* é vencido com isso; a plebe ascende ao primeiro plano com a dialética. Antes de Sócrates

eram rejeitadas na boa sociedade as maneiras dialéticas: eram consideradas más maneiras, elas comprometiam. Advertia-se a juventude contra elas. Desconfiava-se inclusive de toda exposição das próprias razões. As coisas honestas [honnete Dinge], bem como seres humanos honestos [honnete Menschen], não carregam nas mãos dessa forma as próprias razões. É indecoroso mostrar todos os cinco dedos. Em toda parte, onde a autoridade ainda pertence aos bons costumes, onde não se “fundamenta”, mas se comanda, o dialético é uma espécie de bufão: costuma-se rir dele, sem o levar a sério. – Sócrates era um bufão que se fez levar a sério: O que aconteceu ali realmente? (NIETZSCHE, 2014, p. 19).

Na realidade, o que aconteceu em Atenas foi a rejeição dos instintos, da vida e da arte em detrimento da dialética socrática. Neste movimento, obteve-se uma inversão na forma de pensar, no comportamento e, conseqüentemente, na estrutura social ateniense. Para Nietzsche, isso indica que o socratismo é a manifestação de um processo de degeneração. Com isso, se revela a inversão de um estado para o outro, isto é, o grego, que antes da efetivação radical e violenta da razão e da dialética, se encontrava saudável, agora está doente.

Referências

ARALDI, Claudemir Luís. Nihilismo. Romantismo. *In*: MARTON, Scarlett. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Coleção Sendas & Veredas). p. 326-328; 366-369.

FREZZATTI JR., Wilson Antonio. *A fisiopsicologia de Nietzsche: o diagnóstico e a elevação da cultura como tarefa do médico filósofo*. **Discurso**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 187-199, 2018.

FREZZATTI JR., Wilson Antonio. Cultura. Crepúsculo dos ídolos. Décadence. Desenvolvimento. Fisiopsicologia. Sintoma. Socratismo. Tipologia. *In*: MARTON, Scarlett. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Coleção Sendas & veredas).

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos ou Como se Filósofa com o Martelo**. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Como alguém se torna o que é. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Uma Polêmica. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo: Maldição ao Cristianismo**. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Caso Wagner**: Um problema para músicos. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Recebido: 27/03/2024

Aprovado: 24/04/2024